

A REALIZAÇÃO DAS FRICATIVAS INTERDENTAIS /θ/, /ð/ E DO /r/ RETROFLEXO NA LÍNGUA INGLESA

Ronaldo de Oliveira Nobre Leão^(*)

Resumo: Este trabalho analisa a questão da realização de alguns fonemas da língua inglesa que, por não fazerem parte do nosso sistema fonético-fonológico, acabam criando algumas dificuldades para o estudante brasileiro, uma vez que a troca do fonema por um análogo da língua portuguesa pode gerar outros vocábulos com sentido diverso daquele pretendido pelo falante no processo de interlocução.

Palavras-chave: Fonética; fonologia; fonema; alofone

Ao longo de vários anos dedicados ao ensino da língua Inglesa a alunos de diversas faixas etárias, vimos observando a repetição de um problema que atinge a grande maioria dos estudantes brasileiros daquele idioma: a dificuldade na realização de alguns fonemas que são muito freqüentes na língua Inglesa e que não aparecem na língua portuguesa falada no Brasil, bem como, acreditamos, em nenhuma de suas variantes espalhadas nos diversos países nos quais nosso idioma é reconhecido como língua oficial.

Essa problemática não teria maiores conseqüências não fosse o fato de que a não realização exata (ou, pelo menos, bastante aproximada) desses fonemas, gera uma dificuldade de compreensão e comunicação entre os falantes de português que tentam se comunicar em inglês com os falantes nativos deste idioma. O diálogo muitas vezes torna-se difícil pela necessidade constante de repetições de palavras nas quais os fonemas em questão aparecem e, não sendo bem articulados, criam embaraços ao processo comunicativo, uma vez que a mensagem ouvida pode não corresponder à emitida pelo interlocutor em virtude da mudança no significado do vocábulo ouvido. O que poderia parecer apenas uma simples questão de variação do ato articulatório e, portanto, relacionado com o campo fonético, desloca-se para o campo fonológico em função da mudança na significação da mensagem produzida.

^(*) Professor de Lingüística da Funesa.

Os maiores responsáveis por esta, digamos, incompatibilidade fônica, são três fonemas consonantais que oferecem uma certa dificuldade inicial aos estudantes brasileiros. Dois deles são especialmente mais complicados devido à falta de um similar em nosso idioma: as fricativas interdentais representadas graficamente pelas letras “TH” que aparecem nos vocábulos ingleses “think” /θ/ e “they” /ð/ e o /r/ dito retroflexo de palavras como “red”, “rose”, etc. Este último, contudo, pode ser encontrado na pronúncia do dialeto caipira bastante comum no interior do estado de São Paulo em palavras como *porta, corda, verde, carne*, etc. Através dessa similaridade, o estudante brasileiro pode encontrar uma forma de superar as dificuldades de realização deste fonema nos primeiros estágios de aprendizagem da pronúncia inglesa. Os demais fonemas, aqueles inexistentes no português, somente serão bem assimilados e melhor produzidos através de exercícios de repetição e da familiaridade do aluno com os novos sons da língua estrangeira em estudo.

Nosso objetivo com este trabalho é, portanto, relacionar algumas situações nas quais a troca de fonemas pode gerar confusões entre interlocutores em razão da mudança de sentido dos enunciados que podem ocorrer pela troca de fonemas na comunicação. Além disso, procurar demonstrar alguns artifícios que o estudante brasileiro de língua Inglesa poderá utilizar no sentido de otimizar sua pronúncia com vistas a um melhor intercâmbio lingüístico no uso efetivo do novo código.

A questão do fonema

Um dos problemas mais complexos no campo dos estudos fonético/fonológicos é a questão da definição exata do que seja *fonema*. Da leitura de muitos trabalhos de reconhecidos lingüistas que se dedicaram ao seu estudo, percebemos diversas maneiras pelas quais o problema é abordado. Essa diversidade de abordagens gera, para o leitor iniciante, uma certa dificuldade de compreensão do tema em questão, tendo em vista a aparente constatação de que o assunto carece de requisitos metodológicos mais precisos no sentido de definir com mais exatidão o que entendem por *fonema*. O próprio Bertil Malmberg (1954, p.164), conhecido foneticista sueco, em um dos seus trabalhos já adverte: “Existem diferenças profundas no modo de definir fonema entre lingüistas como Troubetzkoy, Jones, Hjelmslev e Bloomfield, definição dependente das suas concepções de linguagem humana”.

Mota Maia (1990, p.65) afirma que o estruturalismo passou por uma séria crise nos anos 40 e 60, “gerada pela exigência metodológica de que construtos tais como os fonemas e os traços fossem definidos através de fenômenos diretamente observáveis na fala”. O grande problema, segundo a autora de *No reino da fala*, “é que na verdade, é muito difícil definir categorias tão abstratas com base em dados e operações empíricas”.

Alguns estudiosos como Twaddell sustentavam que os fonemas são unidades abstratas, fictícias. Opinião esta que não está de acordo com o pensamento de outro grande lingüista, o russo Roman Jakobson (1962, p.231), que chega a criticá-la dizendo que “trata-se de uma atitude filosófica que não afeta a análise fonêmica”. Para ele, se o fonema fosse uma ficção, também o seriam o morfema, a palavra, a oração, a língua, etc.” Nas suas incursões no campo dos estudos fonemáticos, Jakobson aponta os vários aspectos pelos quais os fonemas podem ser abordados. Para ele, “todo fonema nada mais denota do que o fato de ser outro em face dos demais”. (idem)

No *Curso de lingüística geral* (1991, p.51), o fonema é colocado como sendo “a soma das impressões acústicas e dos movimentos articulatórios da unidade ouvida e da unidade falada, das quais uma condiciona a outra; portanto, trata-se já de uma unidade complexa, que tem um pé em cada cadeia”. Nesta abordagem, o fonema estaria estritamente preso à cadeia dos movimentos da fonação, ou seja, somente através da determinação exata dos movimentos articulatórios e das suas conseqüentes impressões acústicas se poderia chegar à delimitação dos sons da fala. Os fonemas seriam, assim, identificados através da análise sistemática dos movimentos necessários à sua produção pelos órgãos da fonação, como também pela impressão acústica produzida pelo falante/ouvinte. Desse modo, segundo o mesmo Saussure “depois de ter analisado um número suficiente de cadeias faladas pertencentes a diversas línguas, chega-se a conhecer e a classificar os elementos com os quais elas operam”.

Para Mattoso Câmara (1954, p.35), “a individualidade de cada fonema não se fundamenta na complexidade total do seu jogo articulatório. Constituem-no apenas alguns traços articulatórios precisos, que determinam um efeito característico, em contraste com os demais fonemas da língua.” Assim, para ele, /p/, /b/, /m/ e /v/ seriam o mesmo fonema, apenas distintos por “certos movimentos

articulatórios a mais e efeitos acústicos ligeiramente variáveis”. Essas variações se dariam, nas palavras do citado lingüista brasileiro “conforme a pessoa que fala e o seu estado de espírito, ou ainda conforme a enunciação em que ele figura”.

Chomsky e Halle autores do clássico *The sound pattern of English*, de 1968, e citados por Motta Maia em seu *No reino da fala*, afirmam que, para eles, os fonemas (*Fonemas Sistemáticos* na terminologia chomskyhalleana) “não são derivados da experiência fonética e sim de um repertório universal de traços distintivos que integram a capacidade de linguagem do homem” (apud MAIA, 1990, p.65).

Diante deste quadro de grandes divergências teóricas na abordagem do fonema apresentadas por vários estudiosos da lingüística, ficam algumas dúvidas para o pesquisador iniciante com relação à maneira mais adequada de se definir precisamente a questão do fonema. Os lingüistas, ao que parece, preferem abordar o problema cada um a seu modo e fazendo uso de formulações que se adaptam melhor aos seus conceitos lingüísticos.

Análise contrastiva: fonemática inglesa e portuguesa

A partir da década de 40, desenvolveu-se com grande relevância dentro da lingüística geral, uma sub-área conhecida como Lingüística Contrastiva cujo maior interesse era o de apontar as similaridades e diferenças estruturais entre uma língua materna de um grupo de alunos e a língua estrangeira a ser estudada. Nesta área de abrangência estavam incluídas as descrições das estruturas que, devido ao grau de diferença com a língua materna dos estudantes, ofereciam dificuldades de aprendizagem; assim como aquelas nas quais as similaridades apresentavam facilidades na aquisição do novo código lingüístico.

Para os objetivos do nosso trabalho interessa-nos especialmente os sistemas fonético/fonológicos do inglês e do português a fim de procurarmos identificar os pontos críticos no processo de aprendizagem dos novos fonemas. Esses problemas, Robert Lado (1957, p.27) designa como “pontos cegos na percepção”. Para ele, “o falante de uma língua, escutando outra, não ouve, na realidade, as unidades fônicas da LE. Escuta as de sua própria língua. As diferenças fonêmicas da LE passarão sistematicamente

despercebidas por ele se não houver nenhuma diferença fonêmica similar em sua língua materna.”

Entre o inglês e o português (os idiomas aqui em estudo) existem diferenças consideráveis no que concerne ao sistema fonético/fonológico de ambos. Especificamente tratamos dos três fonemas que apresentam os maiores traços distintivos com os seus similares na fonêmica portuguesa e com os quais são continuamente confundidos pelos estudantes brasileiros, a saber:

- a) a consoante fricativa interdental surda /θ/ de palavras como “think” e “thought”, que é, muito provavelmente, a que oferece maiores dificuldades aos falantes do português tendo em vista a inexistência completa de fonema semelhante no nosso idioma;
- b) a consoante fricativa interdental sonora /ð/ de palavras como “they” e “that” que, apesar de também não fazer parte do nosso sistema fonológico pode ser realizada com menos dificuldades;
- c) a consoante retroflexa palato-alveolar /r/ que é típica da pronúncia inglesa e que, numa análise contrastiva com o /r/ no dialeto caipira, apresenta similaridades, podendo, assim, ser facilmente assimilada pelos estudantes brasileiros do inglês.

O *Teacher's Manual* do *Interchange - English for international communication* assim descreve a primeira consoante: “The sound /θ/ is made with the tip of the flattened tongue touching the tips of the upper teeth and forcing out a voiceless stream of air”. A própria descrição do ato articulatório já mostra o caráter estrangeiro dos movimentos fonatórios; muito embora, possamos encontrar pessoas no Brasil que, ao falarem o português, realizam uma fricativa interdental a exemplo do fonema /ç/ do espanhol falado na Espanha. Diz-se comumente que essas pessoas “têm a língua presa”.

Curiosamente, o espanhol é a única língua originada do latim a apresentar o fonema em questão no seu sistema fonológico. Os espanhóis, portanto, não sentem nenhuma dificuldade na pronúncia desta fricativa.

Para Mattoso Câmara (1982, p.35) “o grande problema de quem fala uma língua estrangeira não é a rigor a má reprodução dos alofones, mas o de emitir os verdadeiros traços distintivos dos

fonemas mais ou menos semelhantes da língua materna, às vezes com *confusões* perturbadoras e cômicas.” Como exemplo, ele cita a situação na qual um brasileiro ou um português ao pronunciar a fricativa /θ/ numa frase como – “It is thin” (“é delgado”), poderá fazê-lo à maneira de /t/ ou de /s/, o que soará ao ouvinte algo como – “It is tin” (“é uma lata”) ou ‘It is sin’ (“é um pecado”).

Analogamente, um falante de português que, numa conversação com um falante nativo do inglês, mudasse o fonema /θ/ para /t/ na palavra “thinker” (pensador) ao formular uma frase como “you’re a thinker” – na verdade estaria dizendo “você é um funileiro” (tinker) e não “você é um pensador”, como seria a verdadeira intenção do enunciador. Daí as “confusões perturbadoras e cômicas” de que fala Mattoso Câmara.

No quadro abaixo, apresentamos alguns exemplos de palavras nas quais a mudança do fonema /θ/ para /t/ muda completamente o sentido do vocábulo:

| /θ/ | /t/ |
|-------------------------------------|--------------------------------------|
| thinker (pensador) | tinker (funileiro) |
| thin (fino) | tin (estanho) |
| thicket (moita) | ticket (bilhete) |
| thief (ladrão) | tiff (discórdia) |
| thread (fio de coser) | tread (passo, ruído de passo) |
| thrice (muito, extremamente) | trice (momento, instante) |
| thanks (obrigado) | tanks (tanques) |
| through (através de) | trough (cocho, gamela) |
| thrill (vibração, excitação) | trill (trinado, gorjeio) |
| thrust (empurrão, golpe) | trust (confiança, crença) |

Da mesma forma, a consoante sonora /ð/ normalmente confundida até por professores de inglês menos atentos às questões fonológicas com o fonema /d/, poderá causar mudanças de sentido no emprego de determinados vocábulos nos quais estes dois fonemas se encontram em oposição. Muitas vezes o aluno é orientado pelos professores no sentido de pronunciar as palavras nas quais a fricativa sonora /ð/ aparece como se fosse o fonema /d/, tornando-se, com o tempo, um hábito difícil de corrigir.

Relacionamos abaixo alguns exemplos nos quais a troca do fonema /ð/ por /d/ gera um novo vocábulo:

| /ð/ | /d/ |
|-------------------------------------|-------------------------------|
| they (eles, elas) | day (dia) |
| them (a eles – pron. objeto) | dam (represa, dique) |
| then (então) | den (toca, covil) |
| thence (dali, daquele lugar) | dense (denso, espesso) |

O fonema /h/ do inglês (constritivo laríngeo aspirado) que se observa em palavras como “house”, “he”, “heart”, etc., não existe em português, sendo confundido com o nosso /r/ de “rosto”, “roupa”, etc. A ouvidos pouco acostumados às sutilezas sonoras dos fonemas, eles até aparentam possuírem o mesmo som. Para o estudante do inglês, esta semelhança poderá ser útil no sentido de mostrar que todas as vezes em que o /h/ aparecer em posição inicial como em “horse” (cavalo) ou medial como em “comprehension” (compreensão) etc., deverá ser pronunciado com um som semelhante ao do nosso /r/ múltiplo de “carro”.

Todavia, a grande maioria dos estudantes costuma confundir o som do /r/ em inglês com o som do /h/, pronunciando indistintamente palavras como “hose” (mangueira) e “rose” (rosa), podendo causar confusões cômicas entre falantes. Alguém que deseje, por exemplo, se dirigir a outrem com um elogio do tipo “you look like a rose” (você parece uma rosa), se o fizer substituindo o fonema /r/ pelo /h/, estará

dizendo: “você parece uma mangueira”. São situações possíveis de ocorrer em determinados contextos e que podem causar, ou não, embaraços, dependendo do nível de entendimento lingüístico dos interlocutores.

Abaixo, alguns exemplos de palavras nas quais a mudança do fonema /r/ por /h/ muda o sentido do vocábulo:

| /r/ | /h/ |
|------------------------------------|--------------------------------------|
| rat (rato) | hat (chapéu) |
| runt (anão, pigmeu) | hunt (caça, caçada) |
| rabbit (coelho) | habit (hábito) |
| rack (prateleira, cavalete) | hack (corte, fenda) |
| rag (trapo, farrapo) | hag (bruxa, feiticeira) |
| rail (parapeito, corrimão) | hail (granizo, interj. Salve) |
| ram (carneiro) | ham (presunto) |
| rammer (soquete, aríete) | hammer (martelo) |
| rank (linha, fila) | hank (novelo, meada) |
| rash (erupção da pele) | hash (picadinho, guisado) |
| rare (raro, escasso) | hare (lebre) |

No caso do /r/ retroflexo palato-alveolar, tão comum à fonêmica inglesa e muito mais acentuado no inglês americano, sendo, por isso, um dos fatores mais marcantes da sonoridade da língua, é também um dos seus traços mais perceptíveis a ouvidos estrangeiros. É curioso observar a maneira como as pessoas leigas ao tentar imitar os sons das palavras inglesas o fazem enfatizando exageradamente a “retroflexidade” do /r/. O estudante brasileiro poderá familiarizar-se com este fonema através de exercícios de repetição com palavras do português nas quais ele aparece e que podem ser pronunciadas à maneira do dialeto caipira do interior de São Paulo e Paraná. Palavras como “verde”, “corda”, “carne”, “porta” etc., e que são bastante

conhecidas em sua variante caipira pelos falantes do português, podem ser utilizadas enfatizando-se o som retroflexo do /r/. Em seguida, quando o aluno estiver devidamente consciente dos movimentos articulatórios necessários à reprodução do fonema, passará automaticamente à pronúncia correta de vocábulos ingleses que possuem o mesmo fonema como: *rose – red – rice – rock – right – root* etc..

Identificando o fonema, conhecendo o ato articulatório necessário à sua fonação e percebendo a similaridade sonora quando falado em vocábulos do português e do inglês, o estudante aprenderá com relativa facilidade, as distinções fonêmicas entre o /r/ retroflexo e um /r/ vibrante múltiplo. Dessa forma, ele será capaz de assimilar, a partir desses dados, as realizações fonéticas exigidas para uma boa pronúncia de palavras inglesas.

Diante das considerações feitas acerca de alguns aspectos da fonemática inglesa e da questão do fonema propriamente dito, constatamos a necessidade que os professores de línguas estrangeiras têm de conhecer o assunto com mais profundidade. Sabemos das dificuldades que o nosso sistema educacional enfrenta com relação a este trabalho nas escolas oficiais. O despreparo da maioria dos professores com os problemas da fonética, muitos em virtude da pouca compreensão que têm desta ciência, talvez seja um dos problemas mais prejudiciais ao bom desempenho de suas funções no ensino da pronúncia inglesa.

As contribuições da análise contrastiva ao ensino de língua estrangeira são inúmeras e devem ser buscadas por todos aqueles que desejem exercer com êxito suas tarefas de mestre. Buscando os recursos da comparação entre a língua materna e a língua estrangeira estudada, identificando-se pontos críticos na aprendizagem, pode-se melhorar o planejamento e a execução dos cursos destinados a esse fim. Por outro lado, conhecendo os problemas revelados pela análise contrastiva, seguramente será bem mais fácil para o professor identificar as causas de algumas dificuldades enfrentadas pelo aluno, e, ao mesmo tempo, permitir que se desenvolvam estratégias para a superação dos problemas.

As distorções de pronúncia sempre tão comuns no aprendizado de idiomas, se não corrigidas tão logo apareçam, podem levar o aluno a substituir continuamente os traços fonológicos da

língua em estudo por traços da língua materna. E essa substituição se dará de forma intermitente em todas as situações nas quais os fonemas estrangeiros inexistentes no idioma materno surgirem. Daí a necessidade de determinados conhecimentos fonético-fonológicos por parte do professor de línguas.

O campo de investigação da análise contrastiva é muito amplo e inclui ainda informações muito valiosas para os especialistas na preparação de material didático destinado ao ensino de línguas. Além disso, os cursos de graduação em letras nas Faculdades e Universidades do país podem alcançar vários benefícios das pesquisas da análise contrastiva, especialmente nas disciplinas *Metodologia do ensino de línguas*, *Linguística aplicada ao ensino de língua estrangeira* e, mais especificamente, na disciplina *Prática de ensino de Inglês*.

Referências bibliográficas

- CÂMARA, J. Mattoso. *Princípios de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1992.
- CÂMARA, J. Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1982.
- MAIA, Eleonora Motta. *No reino da fala.*, São Paulo: Ática, 1990.
- JAKOBSON, R. *Fonema e Fonologia*. Tradução Joaquim Mattoso Câmara. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1957.
- MALMBERG, Bertil. *A fonética – no mundo dos sons da linguagem*. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 1954.
- RICHARDS, Jack C. *Interchange – English for International Communication*. Teacher's Manual. Cambridge University Press, 1990.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein.. São Paulo: Cultrix, 1991.
- VANDRESEN, Paulino. *Tópicos de linguística aplicada*. Santa Catarina /UFSC, 1988. Linguística Contrastiva e ensino de Línguas Estrangeiras.